



## ***Perfil das doenças transmissíveis em crianças do Brasil***

*Alexandre Ferreira Gomes*<sup>1</sup>, *Milena Nunes Alves de Sousa*<sup>2</sup>, *Ilana Andrade Santos do Egypto*<sup>1,2</sup>

### **ARTIGO DE REVISÃO**

#### **RESUMO**

As doenças transmissíveis são transmitidas entre pessoas ou entre pessoas e animais. Embora não sejam mais consideradas as principais causas de morbimortalidade mundial, ainda merece atenção, especialmente quando acometem crianças. Assim sendo, objetivou-se identificar o perfil das doenças transmissíveis em crianças do Brasil. Para tanto, foi realizada uma revisão integrativa da literatura. A busca eletrônica foi realizada no *Índice Bibliográfico Español en Ciencias de la Salud* (IBECS), *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), a partir da estratégia << "Doenças Transmissíveis" AND criança AND Brasil >>. O levantamento bibliográfico remeteu a 105 documentos, contudo, após o uso dos limitadores, a amostra foi composta por 11 publicações. Os achados evidenciaram que as doenças transmissíveis em crianças do Brasil mais citadas na literatura foram, hanseníase e diarreia e gastroenterite de origem infecciosa, com 18,75% (n=3, cada), doenças infecto-parasitárias, HIV, pneumonia e septicemia, com 12,5% (n=2, cada). Diante dos resultados, e visando a atenção integral infantil, é necessário reforçar o papel da atenção primária à saúde, especialmente no contexto da prevenção desses agravos e promoção da saúde da criança.

**Palavras-Chaves:** Saúde da Criança, Atenção Integrada às Doenças Prevalentes na Infância, Prevenção de Doenças.

## Profile of Communicable Diseases in Children in Brazil

### ABSTRACT

Transmissible diseases are spread between people or between people and animals. Although they are no longer considered the main causes of global morbidity and mortality, they still deserve attention, especially when affecting children. Therefore, the objective was to identify the profile of transmissible diseases in children in Brazil. To this end, an integrative literature review was conducted. The electronic search was performed in the Índice Bibliográfico Español en Ciencias de la Salud (IBECs), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), and Scientific Electronic Library Online (SciELO) databases, using the strategy << "Doenças Transmissíveis" AND criança AND Brasil >>. The bibliographic survey resulted in 105 documents; however, after applying the limiters, the sample comprised 11 publications. The findings showed that the most cited transmissible diseases in children in Brazil were, leprosy and diarrhea and gastroenteritis of infectious origin with 18.75% (n=3, each), infectious-parasitic diseases, HIV, pneumonia, and septicemia, with 12.5% (n=2, each). Given the results, and aiming for comprehensive childcare, it is necessary to reinforce the role of primary health care, especially in the context of preventing these conditions and promoting child health.

**Keywords:** Child Health, Integrated Management of Childhood Illness, Disease Prevention.

**Instituição afiliada** – <sup>1</sup>Escola de Saúde Pública da Paraíba; <sup>2</sup>Centro Universitário de Patos

**Dados da publicação:** Artigo recebido em 29 de Abril e publicado em 19 de Junho de 2024.

**DOI:** <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n6p1375-1389>

**Autor correspondente:** Milena Nunes Alves de Sousa. E-mail: [milenanunes@fiponline.edu.br](mailto:milenanunes@fiponline.edu.br)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



## **INTRODUÇÃO**

“As transformações econômicas, políticas, sociais e culturais produzidas pelas sociedades humanas ao longo do tempo [...] repercutem diretamente na alteração dos padrões de adoecimento” (Brasil, 2008, p. 13). Basicamente, existem dois grupos de doenças, as conhecidas como transmissíveis ou comunicáveis, as quais são transmitidas de entre pessoas ou entre pessoas e animais, e as doenças não-transmissíveis (Fundação Nacional de Saúde, 2001). Um terceiro grupo ainda pode ser acrescido, o das lesões (Mohan; Mohan; Dutta, 2019).

São consideradas doenças transmissíveis as condições clínicas de etiologia infecciosa, como exemplo citam-se a pneumonia, a diarreia, a tuberculose, o HIV, dentre outros (Mohan; Mohan; Dutta, 2019). A pneumonia é uma das principais causas de óbito neste grupo (De Queiroz *et al.*, 2022).

A transmissão de patógenos entre humanos pode ocorrer de forma direta ou indireta. A transmissão indireta acontece por meio do ambiente (água e alimentos contaminados), fômites (aerossóis ou sangue) ou vetores (penetração cutânea ou deposição fecal de vetor). Já a transmissão direta ocorre por via vertical, de mãe para filho, durante a gestação (via placentária), parto (via vaginal) ou amamentação (via leite materno) (Antonovics *et al.*, 2017).

Por muito tempo, as doenças transmissíveis foram as principais causas de morbimortalidade no mundo e no Brasil. Hoje, embora com menor carga sobre os sistemas de saúde, pois tem havido aumento de mortes por Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs), ainda merecem atenção, pois tem havido a emergência e reemergência de muitos desses agravos, que impactam na vida e saúde das populações, especialmente no público infantil.

O conceito de emergência e reemergência de doenças busca incorporar dois aspectos: o aparecimento de problemas novos de saúde relacionados a agentes infecciosos até então desconhecidos; e as transformações no comportamento epidemiológico doenças infecciosas já bem conhecidas (Luna; Silva Júnior, 2013).

Na população geral, as doenças transmissíveis contribuíram com o índice de mortalidade de, aproximadamente, 27%, mas, na faixa etária entre 0-14 anos foi responsável por 81% das mortes (GBD 2016 Disease and Injury Incidence and Prevalence Collaborators, 2017). Infelizmente, anualmente doenças diarreicas e infecções respiratórias agudas causam mais de 3,5 milhões mortes de crianças com menos 5 anos em todo o globo (Da Quinta; Heluy; Dos Santos, 2015).

Apesar disto, reconhece-se que o avanço tecnológico e científico tem contribuído, cada vez mais, com a redução da mortalidade infantil em decorrência de doenças transmissíveis.



Estratégias relevantes foram o advento dos antibióticos, de vacinas, criação de sistemas de monitoramento e de vigilância epidemiológica, além de ações de promoção da saúde (Brasil, 2010).

“A saúde de uma comunidade ou sociedade não depende apenas da genética e da condição socioeconômica, mas também do meio ambiente a que ela é acometida” (Chambisse *et al.*, 2023, p. 14). Assim, vários fatores podem corroborar com o adoecimento e mortalidade infantil, destacando-se as desigualdades em saúde (Chambisse *et al.*, 2023; Tenfen; Frasson; Kock, 2023), crianças cuidadas em espaços coletivos, como creches (Nesti; Goldbaum, 2007; Pedraza; De Queiroz; Sales, 2014; Ribeiro *et al.*, 2021).

Conforme o Plano Estratégico do Setor de Saúde (PESS) (2019-2024), do Ministério da Saúde de Moçambique e em conformidade com o preconizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), 10% do peso global das doenças transmissíveis poderia ser prevenido mediante disponibilidade de água potável, saneamento básico, medidas de higiene e gestão de recursos hídricos (Arruda; Heller, 2022; Chambisse *et al.*, 2023; Republic of Mozambique, 2013). Corroboram Quinta, Heluy e Santos (2015) e Tavares, Rodrigues e Gamaro (2020), ao afirmarem que muitas mortes infantis poderiam ser evitadas apenas como medidas simples de higiene e dois ingredientes – água e sabão. “A higiene é um fator considerável na prevenção de doenças, mas em um país onde grande parte da população ainda têm pouco acesso a saneamento básico, é utópico esperar bons hábitos de higiene sem um conhecimento de sua importância” (Tavares; Rodrigues; Gamaro, 2020, p. 268).

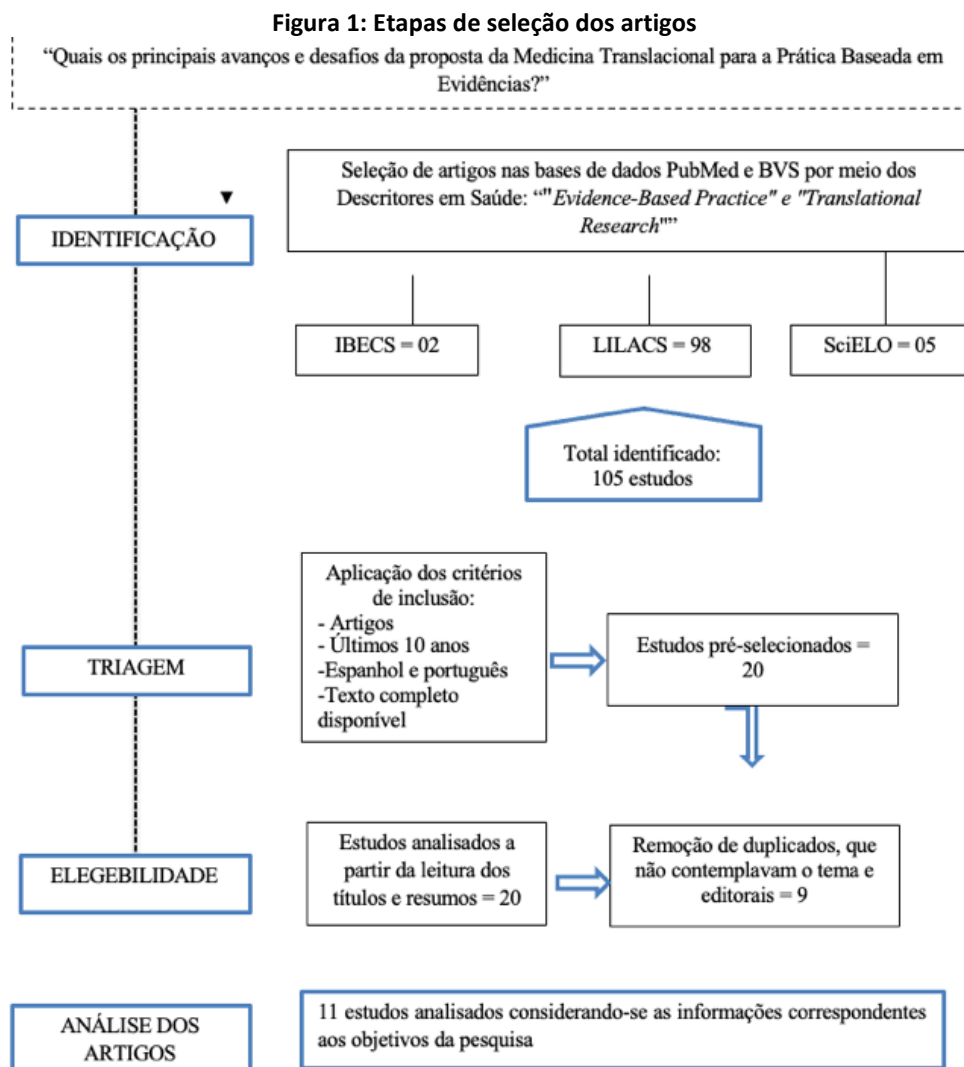
Ante ao exposto, objetivou-se identificar o perfil das doenças transmissíveis em crianças do Brasil. Justifica-se o estudo como medida de alerta para o fato de que muitos desses agravos podem ser evitados com medidas simples e domésticas. Assim sendo, “educação contínua e a sensibilização comunitária são cruciais para alcançar e manter atitudes positivas de prevenção” (Chambisse *et al.*, 2023, p. 14).

## **METODOLOGIA**

Pesquisa descritiva e exploratória, de natureza bibliográfica de abordagem qualitativa, configurando-se revisão integrativa de literatura (RIL), método entendido como uma revisão sistemática que propõe reunir, sintetizar e analisar estudos de múltiplas metodologias, com a finalidade de responder a uma questão de pesquisa. Assim sendo, deve ser iniciado com a determinação da pergunta disparadora, seleção das estratégias de busca, triagem dos estudos, organização e categorização dos achados, discussão e interpretação dos resultados, bem como, apresentação da RIL (De Sousa; Bezerra; Do Egypto, 2023).

A questão norteadora determinada foi <<Qual o perfil das doenças transmissíveis em crianças do Brasil?>>. A busca eletrônica foi realizada nas seguintes bases de dados: *Índice Bibliográfico Español en Ciencias de la Salud* (IBECS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), a partir da combinação (AND) dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) << “Doenças Transmissíveis” AND criança AND Brasil >>.

No processo de triagem dos estudos, foram aplicados os seguintes critérios de inclusão: artigos, texto completo disponível, idioma (português e espanhol) e recorte temporal entre 2014-2024. As exclusões, por sua vez, contemplaram os seguintes filtros: textos repetidos, editoriais e com incompatibilidade temática. O levantamento bibliográfico remeteu a 105 documentos encontrados nas bases de dados consultadas nesta RIL, contudo, após o uso dos limitadores de inclusão, pré-selecionaram-se 23 artigos, mas após as exclusões, a amostra foi composta por 11 publicações (Figura 1).



Fonte: Elaborado pelos autores.

Com os estudos identificados e selecionados, procedeu-se a extração das informações necessárias para atender ao objetivo do estudo sendo. Para tanto, a avaliação fundamentou-se em leituras reiterativas com a finalidade de melhor agrupar os dados levantados e as temáticas, posteriormente, discutidos e analisados os achados e realizada a síntese do conhecimento.

## RESULTADOS

A análise dos dados do quadro 1 revela que o ano de publicação mais predominante é 2016 (36,4%; n=4), publicados no idioma português (100,0%; n= 11), na Bases de Dados do LILACS (81,8%; n=9) e nos periódicos *Hansenologia internationalis*, Revista Brasileira de Epidemiologia e Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, com 18,2% (n=2, cada).

**Quadro 1: Artigos selecionados para compor a RIL**

Autor/Ano	Título do Periódico	BD	Periódico/BD
Arruda e Heller (2022)	Acesso à água e esgotos em ocupação urbana na Região Metropolitana de Belo Horizonte: efeitos na saúde, qualidade de vida e relações de gênero	LILACS	Physis: Revista de Saúde Coletiva
Brandão et al. (2016)	Desafios na prevenção da transmissão vertical do HIV em Petrolina-PE e Juazeiro-BA	SciELO	Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil
Brito et al. (2016)	Tendência temporal da hanseníase em uma capital do Nordeste do Brasil: epidemiologia e análise por pontos de inflexão, 2001 a 2012	LILACS	Revista Brasileira de Epidemiologia
Capistrano et al. (2024)	Perfil epidemiológico de internações por doenças infecciosas e bacterianas em menores de 5 anos, de 2017 a 2021.	LILACS	Revista Ciência Plural
Dos Santos et al. (2019)	Mortes por sepse: causas básicas do óbito após investigação em 60 municípios do Brasil em 2017.	LILACS	Revista Brasileira de Epidemiologia
Kessels et al. (2016)	Série histórica dos casos de hanseníase em menores de 15 anos em um estado do nordeste brasileiro	LILACS	Hansenologia internationalis
Lopes et al. (2022)	Hanseníase em gêmeos de 3 anos em Mato Grosso, Brasil: a importância da baciloscopia no diagnóstico	LILACS	Hansenologia internationalis
Maciel et al. (2022)	COVID-19 em crianças no Estado do Espírito Santo – Brasil	SciELO	Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil
Passone et al. (2019)	Complexidade da doença crônica pediátrica: estudo transversal com 16.237 pacientes seguidos por múltiplas especialidades médicas.	LILACS	Revista Paulista de Pediatria
Pedraza (2017)	Hospitalização por doenças infecciosas, parasitismo e evolução nutricional de crianças atendidas em creches públicas.	LILACS	Ciencia & Saude Coletiva
Souza et al. (2016)	Incidência de transmissão vertical do HIV entre gestantes soropositivas cadastradas em um serviço de referência regional	LILACS	Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental online

Fonte: Elaborado pelos autores.

No quadro 2 é possível constatar a categorização dos achados quanto ao perfil das doenças transmissíveis em crianças do Brasil. Portanto, os dados apresentados evidenciam que os agravos transmissíveis mais comuns no grupo, conforme os estudos, são: hanseníase e (18,75%; n=3, cada), doenças infecto-parasitárias, hanseníase, HIV, pneumonia e septicemia (12,5%; n=2, cada).

**Quadro 2: Categorização dos achados quanto ao p perfil das doenças transmissíveis em crianças do Brasil**

Categorias	Autores	n	%
Covid-19	Maciel <i>et al.</i> (2022)	1	6,25
Diarreia e gastroenterite de origem infecciosa	Capistrano <i>et al.</i> (2024); Passone <i>et al.</i> (2019) e Pedraza (2017)	3	18,75
Doenças infecto-parasitárias	Arruda e Heller (2022); Pedraza (2017)	2	12,5
Hanseníase	Brito <i>et al.</i> (2016); Kessels <i>et al.</i> (2016); Lopes <i>et al.</i> (2022)	3	18,75
HIV	Brandão <i>et al.</i> (2016); Souza <i>et al.</i> (2016)	2	12,5
Outras doenças bacterianas	Capistrano <i>et al.</i> (2024)	1	6,25
Outras doenças infecciosas intestinais	Capistrano <i>et al.</i> (2024)	1	6,25
Pneumonia	Passone <i>et al.</i> (2019); Pedraza (2017)	2	12,5
Septicemia	Capistrano <i>et al.</i> (2024); Dos Santos <i>et al.</i> (2019)	2	12,5
Sífilis congênita	Capistrano <i>et al.</i> (2024)	1	6,25
Total		16	100,0

Fonte: Elaborado pelos autores.

## DISCUSSÃO

Muitos agravos transmissíveis podem ser prevenidos com medidas simples, como as de higiene (Arruda; Heller, 2022; Chambisse *et al.*, 2023; Quinta; Heluy; Santos, 2015; Republic of Mozambique, 2013; Tavares; Rodrigues; Gamaro, 2020). Apesar disso, parecem que estão sendo negligenciadas em ambiente doméstico e escolar. Estudos reforçam que crianças cuidadas em creches, por exemplo, são mais susceptíveis a doenças transmissíveis (Nesti; Goldbaum, 2007; Pedraza; De Queiroz; Sales, 2014; Ribeiro *et al.*, 2021), o que requer atenção.

Portanto, ao considerar os achados desta RIL, foi possível identificar alguns agravos transmissíveis debatidos na literatura, mas reforça-se que muitos outros sequer foram citados e acende um alerta para a comunidade científica.

Brito *et al.* (2016), Kessels *et al.* (2016) e Lopes *et al.* (2022) enfocaram a Hanseníase. No estudo de Brito *et al.* (2016), foi identificado que entre 2001 e 2012 houve o registrado de 9.658 (100%) casos novos de hanseníase na cidade de Fortaleza, no Ceará. Desses, 7% (n=677) foram diagnosticados em menores de 15 anos de idade.





Kessels *et al.* (2016) avaliaram a notificação de 534 casos de hanseníase em menores de 15 anos em um estado do nordeste brasileiro. Os autores concluíram que as crianças e adolescentes hansênicos são um grupo relevante na cadeia epidemiológica, pois os contatos intradomiciliares podem continuar com a cadeia de transmissibilidade.

Lopes *et al.* (2022), por sua vez, apresentaram um relato de caso de crianças gêmeas bivitelinas, de três anos, contactantes de pais com diagnóstico de hanseníase Virchowiana. As crianças apresentaram lesões cutâneas bem definidas e irregulares e, posteriormente, apresentaram positividade para *Mycobacterium* por análise histopatológica da pele. Os autores reforçaram que o diagnóstico de hanseníase em crianças é difícil e raro, devido as similaridades com outros agravos, mas que é preciso estar atento em regiões endêmicas e observar contactantes, inclusive crianças.

Pode-se afirmar que a hanseníase ainda é prevalente e pouco diagnosticada nos estágios iniciais no Brasil. A vigilância de contatos tem sido eficaz na identificação de novos casos, e essa estratégia deve ser adotada na prática clínica para eliminar a hanseníase como problema de saúde pública no país (Silva; De Sousa, 2021).

Outro agravo citado foi a diarreia e gastroenterite de origem infecciosa (Capistrano *et al.*, 2024; Passone *et al.*, 2019; Pedraza, 2017). Capistrano *et al.* (2024) constaram que a faixa etária é determinante para o aparecimento de determinados agravos, sendo as crianças abaixo de 1 ano, as mais vulneráveis. E as diarreias e gastroenterites de origem infecciosa são responsáveis pela maior prevalência (variando entre 13,2% e 23,8%).

As citadas condições clínicas que são comuns em crianças menores de 5 anos são responsabilizadas por assustadores números de óbitos em todo o globo e são um indicador relevante de saúde e vulnerabilidade, evidenciando que as nações em desenvolvimento são as mais afetadas (Dias *et al.*, 2010; World Health Organization, 2017).

Adicionalmente, revisão sistemática de estudos longitudinais revelou que a diarreia tem um efeito negativo na estatura das crianças. A chance de *déficit* de estatura aos 24 meses aumenta com o número de episódios e dias com diarreia antes dessa idade (Checkley *et al.*, 2008). A repetição e persistência de quadros de diarreia causam má-absorção de nutrientes, bem como dificuldade em sua utilização adequada para manter os níveis de saúde (Imdad; Sadig; Bhutta, 2011).

Passone *et al.* (2019) e Pedraza (2017) discutiram a prevalência de pneumonia em crianças. Pedraza (2017) constatou que a hospitalização por pneumonia se associou ao crescimento desacelerado da estatura e do peso em crianças. A pneumonia adquirida na comunidade (PAC) é a forma mais grave entre as infecções respiratórias agudas (IRAS), respondendo por 80% das mortes relacionadas a essas infecções, impactando gravemente na





mortalidade infantil, especialmente em países em desenvolvimento (Lee *et al.*, 2008; Williams *et al.*, 2002).

Ademais, pesquisa analisou dados de crianças brasileiras de 1 a 9 anos notificadas com pneumonia em 2019 (pré-pandemia), 2020 (expansão da COVID-19), e 2021 (redução das medidas sanitárias). A pneumonia continua sendo a principal causa de morbidade em crianças pequenas fora do período neonatal no Brasil, evidenciada pelas aproximadamente 150 mil internações anuais antes da pandemia pandêmico (De Queiroz *et al.*, 2022).

Por conseguinte, Arruda e Heller (2022) e Pedraza (2017) abordaram as doenças infecto-parasitárias. Arruda e Heller (2022) observaram, a partir da percepção da população, que fatores como falta de saneamento básico, precariedade do acesso à água, fossas rudimentares estavam associadas aos aparecimentos de agravos infecciosos e parasitários, com maiores efeitos mulheres e crianças.

Pedraza (2017), objetivando analisar a influência das hospitalizações por condições infecciosas (diarreia/pneumonia) e do parasitismo no estado nutricional infantil, constatou em uma amostra de 269 crianças monitoradas durante 12 meses, a pneumonia e a infecção parasitária associaram-se ao comprometimento do crescimento infantil, com baixo ganho de peso e estatura.

O HIV foi outra doença transmissível destacada nos estudos (Brandão *et al.*, 2016; Souza *et al.*, 2016). Brandão *et al.* (2016), a partir de 58 crianças investigadas em Petrolina-PE e Juazeiro, Bahia, constataram que cinco estavam infectadas pelo HIV, revelando taxa de transmissão vertical de 8,6% e as medidas profiláticas estavam inadequadas em 68,4% dos casos. Os autores concluíram falhas no diagnóstica e nas etapas assistenciais repercutiram na transmissão vertical.

Souza *et al.* (2016) avaliaram 33 grávidas acompanhadas em um serviço de referência regional, destas, 60,6% sabiam do diagnóstico antes da gestação. Naquelas que sabiam do diagnóstico preliminarmente, não houve transmissão vertical e nas que souberam pós-gestação, houve um caso (8%).

A epidemia de AIDS está se estabilizando no Brasil, mas tem afetado especialmente as mulheres, destacando a importância da prevenção da transmissão vertical. O contexto social das mulheres com HIV influencia a adesão ao tratamento, essencial para prevenir a transmissão ao bebê. A rede de apoio é crucial para essa adesão, e os profissionais de saúde devem considerá-la no planejamento assistencial (Santos *et al.*, 2015).

Recomenda-se testar para HIV no primeiro trimestre da gravidez, pois o diagnóstico tardio dificulta a profilaxia (Souza *et al.*, 2016). Logo, estratégias para reduzir a transmissão vertical incluem incrementar testes rápidos na gravidez, integrar ações municipais, oferecer



planejamento familiar e reprodutivo, ampliar a cobertura do pré-natal e engajar equipes obstétricas e da Atenção Primária à Saúde (APS) para diminuir a taxa de transmissão vertical (Brandão *et al.*, 2016).

Por conseguinte, apesar de haver avanços importantes na APS e da cobertura pré-natal, a integralidade da assistência ainda é frágil e deficitária, sendo preciso mais incentivos e investimentos na área, bem como o fomento de estratégias de políticas públicas que abracem toda essa população (Capistrano *et al.*, 2024).

Em seguida, Capistrano *et al.* (2024), em ordem de prevalência entre as hospitalizações, citaram outras doenças bacterianas (variando entre 16,6% e 21,67%), outras doenças infecciosas e intestinais (variando entre 12,87% e 25,61%), sífilis congênita (17,0% a 21,5%) e septicemia (16,24% a 22,34%). Para Dos Santos *et al.* (2019) reconhecer os óbitos por sepse é relevante para subsidiar planos estratégicos em saúde pública no país.

Em 2020, o Ministério da Saúde do Brasil publicou o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis. Este documento fornece orientações completas para o manejo clínico da sífilis em gestantes e da sífilis congênita, com um foco especial na prevenção da transmissão vertical do *Treponema pallidum* (Domingues *et al.*, 2021). Essa diretriz orientadora deve ser seguida e os profissionais de saúde devem estar atentos a todas as recomendações.

O estudo de Maciel *et al.* (2022) foi o único que abordou o COVID-19 entre crianças. Os pesquisadores analisaram 27.351 registros de notificação entre crianças, adolescentes e jovens e constaram que as maiores chances de confirmação diagnóstica se deram na faixa etária de 5 a 14 anos. Ademais, as crianças com diagnóstico confirmado apresentam menor taxa de mortalidade.

Embora crianças e adolescentes apresentem menor prevalência, manifestações mais leves e menores taxas de mortalidade pela COVID-19 (Gonçalves *et al.*, 2020; Safadi; Da Silva, 2020), a pandemia pode ter um impacto negativo profundo a longo prazo nessas populações. Casos raros e graves de síndrome inflamatória em crianças e adolescentes mostram a imprevisibilidade da doença (Safadi; Da Silva, 2020). Importante referenciar que a Síndrome Inflamatória Multissistêmica Pediátrica (SIM-P) “apresenta uma associação temporal, geográfica e laboratorial com a COVID-19, e corresponde a uma nova entidade clínica diferente da Doença de Kawasaki” (Faria; De Sousa, 2021, p. 2).

Além disso, desafios como saúde mental, impacto social e perdas financeiras são significativos para essa faixa etária. Estudos multicêntricos e longitudinais com grandes populações serão necessários para entender melhor esses efeitos e avaliar doenças crônicas e preexistentes em crianças e adolescentes (Safadi; Da Silva, 2020).



Por fim, para controlar a transmissão e reduzir as taxas de morbimortalidade por doenças transmissíveis, são necessárias adoção de medidas preventivas e profiláticas, além da realização de pesquisas mais abrangentes e com delineamentos metodológicos longitudinais, especialmente ao se constatar o pouco número de estudos realizados neste país sobre o objeto de estudo.

## CONCLUSÃO

Os achados evidenciaram que as doenças transmissíveis em crianças do Brasil mais citadas na literatura foram hanseníase, diarreia e gastroenterite de origem infecciosa, doenças infecto-parasitárias, HIV, pneumonia e septicemia. Também, foi possível identificar covid-19, outras doenças bacterianas, outras doenças infecciosas intestinais e sífilis congênita.

Diante dos resultados, e visando a atenção integral infantil, é necessário reforçar o papel da atenção primária à saúde, especialmente no contexto da prevenção desses agravos e promoção da saúde da criança. Adicionalmente, é necessária adoção de estratégias de educação contínua e da sensibilização de pais, escolas e governos para alcançar e manter medidas preventivas positivas.

## REFERÊNCIAS

ANTONOVICS, J. *et al.* The evolution of transmission mode. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 372, n. 1719, p. 20160083, 2017.

ARRUDA, A. E.; HELLER, L. Acesso à água e esgotos em ocupação urbana na Região Metropolitana de Belo Horizonte: efeitos na saúde, qualidade de vida e relações de gênero. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 32, p. e320204, 2022.

BRANDÃO, M. N. *et al.* Desafios na prevenção da transmissão vertical do HIV em Petrolina-PE e Juazeiro-BA. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 16, p. 313-324, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância à Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Diretrizes e recomendações para o cuidado integral de doenças crônicas não-transmissíveis: promoção da saúde, vigilância, prevenção e assistência**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 72 p.

BRITO, A. L. *et al.* Tendência temporal da hanseníase em uma capital do Nordeste do Brasil: epidemiologia e análise por pontos de inflexão, 2001 a 2012. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 19, p. 194-204, 2016.

CAPISTRANO, G. N. *et al.* Perfil epidemiológico de internações por doenças infecciosas e bacterianas em menores de 5 anos, de 2017 a 2021. **Revista Ciência Plural**, v. 10, n. 1, p. 31411-31411, 2024.



CHAMBISSÉ, E. *et al.* Implementação da Linha de Base de Pré-intervenção do Programa Governamental Família Modelo para Adoção de Comportamentos Preventivos da Cólera e outras Doenças Transmissíveis, em seis Distritos da Província de Cabo Delgado. **Revista Moçambicana de Ciências de Saúde**, v. 9, n. 1, p. 13-16, 2023.

CHECKLEY, W. *et al.* Childhood Malnutrition and Infection Network. Multi-country analysis of the effects of diarrhoea on childhood stunting. **Int Journ Epidem.**, v. 37, n. 4, p. 816-830, 2008.

DA QUINTA, A. R. M.; HELUY, T. R.; DOS SANTOS, L. Mudanças de hábitos de higiene à prevenção de doenças. **Anais...** 8º Congresso de Extensão Universitária da UNESP, 2015, p. 1-5. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/8732120f-602a-4407-9ffd-b5408c67b4fa/content>. Acesso em: 17 jun. 2024.

DE QUEIROZ, S. P. *et al.* O impacto da COVID-19 em internações por pneumonia de crianças escolares e pré-escolares. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, p. e49511730231-e49511730231, 2022.

DE SOUSA, M. N. A.; BEZERRA, A. L. D.; DO EGYPTO, I. A. S. Trilhando o caminho do conhecimento: o método de revisão integrativa para análise e síntese da literatura científica. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**, v. 21, n. 10, p. 18448-18483, 2023.

DIAS, D. M. *et al.* Morbimortalidade por gastroenterites no Estado do Pará. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, v. 1, n. 1, p. 53-60, 2010. Disponível em: [http://scielo.iec.gov.br/pdf/rpas/v1n1/en\\_v1n1a08.pdf](http://scielo.iec.gov.br/pdf/rpas/v1n1/en_v1n1a08.pdf). Acesso em: 17 jun. 2024.

DOMINGUES, C. S. B. *et al.* Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: sífilis congênita e criança exposta à sífilis. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 30, p. e2020597, 2021.

DOS SANTOS, M. R. *et al.* Mortes por sepse: causas básicas do óbito após investigação em 60 municípios do Brasil em 2017. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 22, supl.3, E190012, 2019.

FARIAS, G. L.; DE SOUSA, M. N. A. Síndrome Inflamatória Multissistêmica Pediátrica, possível complicação da covid-19 e um desafio para profissionais médicos: revisão integrativa. **Revista Ciência Plural**, v. 8, n. 1, p. e25286-e25286, 2021.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE (FUNASA). **Doenças Transmissíveis e seus Agentes Causadores**. FUNASA, julho/2001. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/funasa/salavac\\_treinando\\_texto\\_p1.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/funasa/salavac_treinando_texto_p1.pdf). Acesso em: 17 jun. 2024.

GBD 2016 Disease and Injury Incidence and Prevalence Collaborators (2017). Global, regional, and national incidence, prevalence, and years lived with disability for 328 diseases and injuries for 195 countries, 1990-2016: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2016. **The Lancet**, v. 390, n. 10100, p. 1211-1259, 2017.

GONÇALVES, A. H. C. *et al.* Frequência de crianças com o novo coronavírus: revisão sistemática. **Comunicação em Ciências da Saúde**, v. 31, n. 03, p. 89-100, 2020.

IMDAD, A.; SADIG, K.; BHUTTA, Z. A. Evidence-based prevention of childhood malnutrition.



**Curr Opin Clin Nutr Metab Care**, v. 14, n. 3, p. 276-285, 2011.

KESSELS, A. M. S. *et al.* Série histórica dos casos de hanseníase em menores de 15 anos em um estado do nordeste brasileiro. **Hansenologia Internationalis**, v. 41, n. 1/2, p. 4-13, 2016.

LEE K. Y. *et al.* Mycoplasma pneumoniae pneumonia, bacterial pneumonia and viral pneumonia. **Jornal de Pediatria**, v. 86, n. 6, p. 448-50, 2010.

LOPES, J. C. *et al.* Hanseníase em gêmeos de 3 anos em Mato Grosso, Brasil: a importância da baciloscopia no diagnóstico. **Hansenologia internationalis**, p. 1-7, 2022.

LUNA, E. J. A.; SILVA Júnior, J. B. Doenças transmissíveis, endemias, epidemias e pandemias. *In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. A saúde no Brasil em 2030 - prospecção estratégica do sistema de saúde brasileiro: população e perfil sanitário.* Rio de Janeiro: Fiocruz/Ipea/Ministério da Saúde/Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, 2013. p. 123-176. Disponível em: <https://saudeamanha.fiocruz.br/wp-content/uploads/2016/07/41.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2024.

MACIEL, E. L. N. *et al.* COVID-19 em crianças no Estado do Espírito Santo–Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 22, p. 415-422, 2022.

MOHAN, P.; MOHAN, S. B.; DUTTA M. Communicable or noncommunicable diseases? Building strong primary health care systems to address double burden of disease in India. **J Family Med Prim Care**, v. 8, n. 2, p. 326-329, 2019.

NESTI, M. M. M.; GOLDBAUM, M. As creches e pré-escolas e as doenças transmissíveis. **Jornal de Pediatria**, v. 83, p. 299-312, 2007.

PASSONE, C. G. B. *et al.* Complexidade da doença crônica pediátrica: estudo transversal com 16.237 pacientes seguidos por múltiplas especialidades médicas. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 38, p. e2018101, 2019.

PEDRAZA, D. F. Hospitalização por doenças infecciosas, parasitismo e evolução nutricional de crianças atendidas em creches públicas. **Ciência & Saude Coletiva**, v. 22, p. 4105-4114, 2017.

PEDRAZA, D. F.; DE QUEIROZ, D.; SALES, M. C. Doenças infecciosas em crianças pré-escolares brasileiras assistidas em creches. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 511-528, 2014.

REPUBLIC OF MOZAMBIQUE, Ministry of Health. **Health Sector Strategic Plan PESS 2014-2019.** Mozambique: Ministry of Health of Mozambique, 2013.

RIBEIRO, C. S. *et al.* Revisão integrativa sobre doenças parasitárias em crianças de creches brasileiras. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 25, n. 3, p. 203-211, 2021.

SAFADI, M. A. P.; DA SILVA, C. A. A. O espectro desafiador e imprevisível da covid-19 em crianças e adolescentes. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 39, p. e2020192, 2020.

SANTOS, S. *et al.* Rede de apoio a mulheres com HIV na prevenção da transmissão vertical: revisão integrativa. **REME-Revista Mineira de Enfermagem**, v. 19, n. 2, p. 225-23, 2015.

SILVA, D. M.; DE SOUSA, M. N. A. Prevalência de hanseníase no Brasil e os desafios da busca ativa na atenção primária à saúde. **Revista Científica Integr@ção**, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2021.



SOUZA, C. P. *et al.* Incidência de transmissão vertical do HIV entre gestantes soropositivas cadastradas em um serviço de referência regional. **Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental online**, v. 8, n. 2, p. 4526-4537, 2016.

TAVARES, Rejane Giacomelli; RODRIGUES, Deborah Katharina Martins; GAMARO, Giovana Duzzo. Lavagem das mãos: a interlocução entre a universidade e as comunidades para prevenção de doenças transmissíveis. **Expressa Extensão**, v. 25, n. 3, p. 267-273, 2020.

TENFEN, A. S.; FRASSON, G. S.; KOCK, K. S. Análise da mortalidade por doenças transmissíveis e materno-infantis: um estudo ecológico com base de dados mundial. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 1, p. e12412139553-e12412139553, 2023.

WILLIAMS, B. G. *et al.* Gouws E, Boschi-Pinto C, Bryce J, Dye C. Estimates of world-wide distribution of child deaths from acute respiratory infections. **Lancet Infect Dis.**, v. 2, n. 1, p. 25-32, 2002.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Inheriting a sustainable world?** Atlas on children's health and the environment. Genebra: Who, 2017. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/254677>. Acesso em: 10 jun. 2022.